

PROFESSOR: ENSINANTE, PESQUISADOR E/OU EXTENSIONISTA?
POSSÍVEIS ARTICULAÇÕES NO CURSO DE PEDAGOGIA

Mariele Fátima de Camargo*

Francieli Sander Sartori**

Resumo: o artigo discorre sobre a relação entre ensino e pesquisa na educação superior e sobre como estas dimensões se articulam com experiências de extensão. Efetivaram-se entrevistas semi-estruturadas e audiogravadas com um grupo de professores do Curso de Pedagogia de uma universidade de médio porte, localizada no interior do Estado do Rio Grande do Sul. Para análise dos dados, as principais ideias apresentadas foram organizadas em categorias temáticas e dialogaram com os autores de base teórico-científica, estruturando-se em duas seções. A primeira aborda conceitos básicos de ensino e pesquisa, e concepções apresentadas pelos depoentes acerca de como estas dimensões precisam estar imbricadas para enfrentar o desafio de educar pela e para a pesquisa. A segunda trata da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, entendendo como essa temática tem sido pensada e desenvolvida pela Universidade, e como estes profissionais têm se inserido nas diferentes dimensões implicadas no seu fazer profissional, tratando de compreender como tem se efetivado a inserção da universidade na sociedade e da sociedade na universidade, bem como suas articulações com o ensino e com a pesquisa, enquanto constituintes do fundamento metodológico, no qual se ancora o tripé da Universidade.

Palavras-chave: Ensino. Pesquisa. Extensão. Ensino Superior.

Introdução

Este estudo problematiza o tema “relação entre ensino e pesquisa na docência universitária”, a partir da compreensão dos professores do Curso de Pedagogia de uma Instituição do Ensino Superior (IES) do interior do estado do Rio Grande do Sul.

No texto de Bazzo (2007), “Dilemas da profissionalidade docente na Educação Superior: entre o cientista e o mestre”, aborda-se a preocupação em relação à ambiguidade que acompanha a identidade do professor universitário: mestre ou cientista, procurando

* Mestranda em Educação pelo PPGEdu da Universidade de Passo Fundo. Possui Graduação em Pedagogia – LP (2012) e Especialização em Orientação Educacional (2014) pela UPF. E-mail: marielefcamargo@gmail.com

** Mestranda em Educação pelo PPGEdu da Universidade de Passo Fundo. Possui Graduação em Pedagogia – LP (2012) e Especialização em Orientação Educacional (2014) pela UPF. E-mail: afbfrancieli@gmail.com

discutir se existe indissociabilidade entre ensino e pesquisa, questão que apareceu com frequência na sua pesquisa, durante as entrevistas realizadas com professores de diferentes áreas do conhecimento, atuantes nos Cursos de Engenharia.

A partir deste estudo, surgiu o interesse de investigar a relação de um grupo de professores do ensino superior, da área da educação, refletindo sobre o papel da docência, da pesquisa e extensão na IES, pensando como estas se relacionam entre si.

Para tal, realizamos uma investigação, através de entrevistas semi-estruturadas que foram audiogravadas. Houve portanto, uma comunicação mais aberta entre as pesquisadoras e os entrevistados e, neste sentido, a existência do consentimento do interlocutor para gravar a entrevista, assegurou a ética da pesquisa e garantiu a produção dos dados com a fidedignidade dos pormenores do relato e da maneira como os fatos foram proferidos.¹

Os sujeitos colaboradores da pesquisa são docentes de uma instituição comunitária de Ensino Superior, da Faculdade de Educação de um município de médio porte do estado do Rio Grande do Sul, que atuam no Curso de Pedagogia, cujo critério de escolha foi a formação inicial e atuação em diferentes áreas do conhecimento.

Os professores foram interpelados acerca do seu processo de formação, área, tempo de atuação, experiências profissionais, e, sobre as seguintes questões: Como você se coloca frente à prática e ao conhecimento especializado, relativos à educação e ao ensino de futuros professores, que logo estarão atuando na docência e, por vezes, ensinando pesquisa a seus alunos? Você se considera mais um “mestre”, ou um “cientista”? Em quais das tarefas você se realiza melhor, enquanto profissional, na docência ou na pesquisa? Após os dados coletados, dialogamos com autores, como Demo (2009); Libâneo (2011); Moita e Andrade (2009).

Organizamos uma tabela síntese, que apresenta breve caracterização dos depoentes. Nesta os docentes foram apresentados em ordem alfabética e nomeados pela sigla PE, de professor entrevistado, seguido do número de ordenação.

Tabela 1 - Síntese – Caracterização dos sujeitos²

Sujeito Entrevistado	Formação Inicial	Titulação	Experiências Profissionais
PE1	Pedagogia	Doutoranda	- Docência na E.B e no E.S. - Gestão (Coordenação Pedagógica no Ensino Médio - Modalidade Normal (magistério) e em algumas atividades adjuntas ao Curso de Pedagogia, bem como na comissão de graduação e formação de professores)

¹ Entendimentos a partir de conceitos trazidos por Tura (2011).

² Para melhor realizar a leitura da tabela, deve-se entender E.B. por Educação Básica, E.S. por Ensino Superior, NEJA por Núcleo de Educação de Jovens e Adultos, e EJA por Educação de Jovens e Adultos.

			- Extensão - Pesquisa
PE2	Biologia (licenciatura e bacharelado)	Mestre	- Docência na E.B e no E.S. - Gestão (Coordenação Pedagógica no NEJA, em Especialização em Educação socioambiental e outros) - Extensão (coordenação da extensão) - Trabalho em laboratório - Colaboradora de Pesquisa
PE3	Ciências Sociais	Doutorando	- Docência na E.B e no E.S. - Extensão - Pesquisa (foi bolsista CNPq)
PE4	Ciências Físicas e Biológicas e Matemática	Mestre	- Docência na E.B., incluindo EJA e no E.S. - Extensão - Pesquisa
PE5	História	Pós-Doutora	-Docência na E.B., no E.S. e na Pós-graduação Stricto Sensu - Gestão (Secretaria da Educação) - Extensão - Pesquisa
PE6	Filosofia e História	Doutor	- Docência na E.B. e no E.S. - Gestão (coordenação na Educação Popular e participação na gestão pública municipal) -Participação em movimentos populares e pastorais sociais - Extensão - Pesquisa
PE7	Pedagogia Pré-Escolar e Didática	Mestre	- Docência na E.B e E.S. - Gestão (coordenação do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Currículo e Infância) - Extensão - Pesquisa
PE8	Ciências Biológicas e Pedagogia Anos Iniciais	Mestre	- Docência na E.B e no E.S. - Gestão (Coordenação Pedagógica na E.B e no E.S) - Extensão - Colaboradora de Pesquisa

Fonte: dados disponibilizados pelos depoentes e organizados pelas autoras.

Com base no método de análise do conteúdo, trabalhamos a partir de categorias temáticas, entendendo esta como a melhor forma de potencializar o produto das entrevistas, que durante o processo de coleta puderam ser adaptadas ao que de mais especial cada depoente pode nos fornecer, para a produção de materiais dignos de citação (STAKE, 2011).

O artigo está estruturado em duas seções. A primeira enfatiza as dimensões ensino e pesquisa, na qual localizaremos concepções dos depoentes e conceitos básicos discutidos na literatura, bem como, os modos como isto tem se efetivado no Ensino Superior. A segunda trata da indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão, entendendo como essa

temática tem sido pensada e executada pela Universidade e como estes profissionais têm se inserido nas diferentes dimensões implicadas no seu fazer profissional.

1 Efetivação, conceitos e entendimentos entre ensino e pesquisa no Ensino Superior

O ensino, para Libâneo (2011, p. 189), não pode ser qualquer ensino, mas deve promover o desenvolvimento das capacidades e habilidades de pensamento dos alunos. Na mesma direção, Fávero e Tauchen (2013, p. 237) dizem que “o ensino é uma atividade complexa, que possui um caráter social e cuja efetivação mobiliza uma série de habilidades, conhecimentos e atitudes que podem ser desenvolvidas, aperfeiçoadas e ampliadas por meio de processos formativos”.

Em relação à pesquisa, Libâneo (2011, p. 207) entende que “[...] não é meramente um complemento da formação universitária, mas atividade de produção e avaliação de conhecimentos que perpassa o ensino”. Campos e Costa (2007, p. 39-40) corroboram ao dizer que, “pesquisar é bem mais do que se envolver em um processo de produção de conhecimento: é aderir a um processo que (re)constrói o pesquisador como ser humano”.

Diante dessa conceitualização inicial, o que desejamos agora é estabelecer um diálogo entre as abordagens teóricas e os dados produzidos na interpelação dos sujeitos.

Um dado importante para nossa reflexão está na ideia, quase unânime entre os professores entrevistados, de que não existe dicotomia entre ensino e pesquisa na Educação Superior. Neste sentido, o destaque entre as respostas apresentadas, foi de que não se consideram docentes ou pesquisadores em medidas distintas, mas entendem que ambas as atividades se entrecruzam e se complementam enquanto ato pedagógico e também quanto à função das IES em aproximar tais dimensões, no sentido de investigar a própria ação e agir amparados pela fundamentação teórica. O depoimento a seguir ilustra tal posicionamento.

[...] no meu entender não existe diferença entre o mestre e o pesquisador, eu penso que independente de estarmos produzindo uma pesquisa fora da sala de aula, a própria prática do professor é pesquisa, porque no momento que você sai da sala de aula, você tem a oportunidade de reflexão sobre o que foi trabalhado e, como você pode melhorar isso; pra mim isso é uma pesquisa educacional, não há como dissociar isso (PE3).

Para melhor compreender o conceito apresentado, tomamos por base Santiago (2002, p. 22) ao ressaltar que a tarefa da pesquisa educacional está em, “des-cobrir” o fazer pedagógico como uma atividade de sujeitos contextualizados, cuja experiência,

constantemente, ressignifica a realidade e a cultura”. A autora chama atenção para a não banalização da leitura e da interpretação do que se pretende conhecer através da pesquisa, defendendo a necessidade de ir além da empiria, neste sentido, destaca a importância de “uma atitude de investigação que perceba a experiência humana na sua relação com a história, com a cultura e com os interesses sociais e políticos que as orientam” (p. 23).

Evidenciamos o rigor metodológico nas pesquisas, sob o risco de cairmos no que Charlot (2006, p. 11) denomina de “discurso do prático”, que frequentemente opõe sua prática às teorias. O autor defende que precisamos superar a ideia de um “debate entre teoria e prática”. A pesquisa requer um olhar atento sobre a prática, mas não apenas isso, ela requer rigor e um novo espírito científico³.

Considerando o ensino e a pesquisa como processos imbricados, e reconhecendo a importância destas atividades, não apenas na docência universitária, preocupamo-nos em compreender como ambas têm se articulado, no sentido de formar profissionais não apenas comprometidos com o processo de ensino, mas que tenham uma boa aproximação com a pesquisa, tendo em vista que aqui estamos nos referindo essencialmente aos futuros pedagogos, que logo mais estarão inseridos em espaços escolares e que, por vezes também introduzirão atividades de pesquisa aos seus alunos, principalmente os de Educação Básica.

Partindo da premissa “eu acho que bom mestre é aquele que impulsiona seus alunos, assim como um bom pesquisador é aquele que sabe bem ensinar” (PE6), destacamos que a ideia de formar professores investigadores da própria prática, capazes de refletir e inferir sobre sua realidade é recorrente entre as falas dos depoentes.

Os professores falaram da importância de desmistificar a ideia enraizada no senso comum, de que a pesquisa é privilégio para poucos, essencialmente para os “iluminados”, aparece aqui uma distinção:

Eu não me considero uma cientista. Vamos trabalhar o conceito de cientista, aquele cientista antigo que fazia pesquisa em laboratório, isolado do mundo e, que alguns têm, são iluminados para isso e, outros não, mas não é isso. Se é para pensar em um cientista que todos os dias tenta trabalhar as suas questões de vida relacionadas à teorização, que a gente pensa, lê autores que falam sobre isso, tenta ir sistematizando o que já foi descoberto. Então, pensando assim, eu sou uma cientista. E, eu aprendo muito com os cientistas e com os não cientistas. As concepções que eu trago para vocês, as tarefas da docência e da pesquisa não estão dissociadas (PE2).

³ Expressão utilizada por Bachelard (1996).

Formosinho (2011, p. 143), corrobora essa concepção do professor comprometido em investigar sua realidade mais próxima. Em suas palavras, “se os docentes universitários não investigam nas áreas em que ensinam, essa pesquisa dificilmente contribuirá para a melhoria e renovação do seu ensino na formação dos profissionais de desenvolvimento humano”.

Demo (2009, p. 79) responsabiliza a deficiência metodológica do professor pela banalização da pesquisa, e reforça a importância da figura do professor pesquisador, a exemplo desta ação, como requisito básico para que também, o aluno aprenda a pesquisar.

Ao falarem sobre como introduzem os alunos da graduação nos processos de pesquisa, os professores destacaram como esta relação tem se efetivado em suas disciplinas e, de modo especial dentro da Universidade, falando de certas dificuldades com as quais têm se deparado.

Vejo necessidade de fazer essa experiência (da pesquisa) no objeto da nossa profissão até para poder transformar essas experiências de acordo com o olhar da própria realidade, da matéria prima, deste objeto. Então, neste sentido eu tenho procurado fazer com que as acadêmicas da Pedagogia, as futuras professoras, sejam mais pesquisadoras e contribuam mais para o processo de formação [...] (PE6).

O grande eixo é a docência e é o professor investigador [...]. A gente tem possibilidades através de estágio, mas também não consolida realmente um docente pesquisador da sua prática. Alguns alunos que se envolvem têm iniciação da pesquisa, eles fazem essa iniciação da escola, fazem a práxis, estudam, retomam, só que isso não atinge a totalidade dos alunos (PE8).

Destacamos assim, o incentivo constante ao engajamento dos acadêmicos na pesquisa, através da inserção em diferentes grupos de iniciação científica e da realização de estágios na docência, como forma de investigar a própria ação. Apesar destes meios existirem, o grande desafio encontrado por este grupo de professores está na dificuldade de atrair alunos para os grupos de pesquisa e no pouco tempo destinado às práticas docentes.

Compreendendo a pesquisa como instrumento metodológico para construir conhecimento e mobilizando-a para teorização e para a inovação, entendemos a importância do profissional que está formando futuros professores, visto que o ensino da universidade não deve se limitar a formar sujeitos para dominar conteúdos, mas sim que saibam pensar, refletir, propor soluções sobre problemas e questões atuais, trabalhar e cooperar uns com os outros. Salientamos que a educação pela pesquisa, além de oferecer todos os benefícios já citados para o corpo discente, também dinamiza o fazer e o agir pedagógico dos professores.

Podemos destacar a ideia de ensino e pesquisa como processos indissociáveis e complementares, que caracterizam o Ensino Superior e reiteram seu compromisso com a

formação de cidadãos críticos, politizados e autônomos, que tenham visão holística e bem saibam discernir informações, para transformá-las em conhecimentos, tomar as decisões mais acertadas, inferindo sobre sua realidade mais próxima por meio de processos de pesquisa.

2 A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão nas IES

Garrafa (1987 apud HUNGER, 2014, p. 337) considera a extensão como “um processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade”. Albuquerque et al. (2012, p. 139) contribuem com o entendimento de que a “extensão universitária nada mais é que uma troca de experiências, onde o conhecimento acadêmico adquirido é levado e aplicado à sociedade, o que permite conhecer as necessidades, as demandas e também aprender com as diferenças e a cultura dessas pessoas”.

O que pretendemos agora é entender como a extensão tem sido pensada e executada pela Universidade e, como estes profissionais têm se inserido nas diferentes dimensões. Retomando a tabela síntese, é perceptível que todos os professores entrevistados já tiveram experiência como extensionistas e, alguns ainda, seguem engajados nesta dimensão.

Graças a Deus agora a Universidade, tanto a divisão de extensão, quanto a divisão de pesquisa estão sentando juntas. [...], foi entendido que a pesquisa não vive sem a extensão e a extensão não vive sem a pesquisa. [...] (PE2).

É portanto, necessário que essas duas dimensões se entrecruzem, a fim de levar os desafios da extensão para dentro da Universidade, no sentido de transformá-los em problemas de pesquisa que, com seus resultados poderão voltar para a extensão, apontando possíveis caminhos e vice-versa. Neste mesmo sentido, outra ideia que nos inquietou durante as entrevistas foi a preocupação demonstrada por um dos professores, com respeito ao rompimento dos “muros” da Universidade, como forma de encontrar maneiras para trazer a sociedade para dentro das IES. Em suas palavras,

[...] a gente levanta muros para evitar que a comunidade tenha acesso à universidade e, esse é um dado interessante a se pensar. Minha preocupação é de romper um pouco com esses muros, de que, a universidade só está preocupada com a formação de conhecimentos em prol dela mesma, e tenha essa abertura para a comunidade, para que ela também possa vivenciar esse espaço. E, neste sentido, eu penso que a universidade deve refletir sobre o seu papel na sociedade e, principalmente no desenvolvimento do país (PE3).

Os sujeitos enfatizaram que, os três eixos condutores, ensino, pesquisa e extensão, devem estar concatenados, possibilitando aos acadêmicos uma formação integral através da articulação destas dimensões.

Moita e Andrade (2009, p. 269) teorizam esta ideia ao salientarem que o tripé formado pelo ensino, pesquisa e extensão não pode ser compartimentado, enquanto constituintes do alicerce fundamental da Universidade. Os autores mencionam o artigo 207 da Constituição Federal de 1988, alegando que “as universidades [...] obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”. Esta premissa é exemplificada por um dos contribuintes da pesquisa, através do seguinte depoimento:

[...] cada vez que acontece um processo na extensão, em que há vivências de inúmeras situações, ali nascem perguntas e essas perguntas tranquilamente podem se tornar parte do projeto de pesquisa e vice-versa. E na pesquisa, muitas situações podem vir a ser momentos de extensão e aí conseqüentemente fica um círculo com a própria graduação, na própria docência (PE1).

Outros depoentes corroboram ao falar de suas próprias experiências,

Eu não consigo pensar minha atividade de docência sem envolver a extensão, que é o meu pé lá na sala de aula e lá na comunidade, e não consigo imaginar essas duas ações sem a investigação, sem o diagnóstico, sem a sistematização dos dados (PE2).

[...] me considero mais uma docente, mas não me vejo separada da pesquisa e da extensão. Sou pesquisadora constante da minha prática, não sou aquela pesquisadora que fica fechada e que fica produzindo o tempo inteiro. Uma coisa da qual me arrependo é que durante toda minha trajetória, sempre fiz muita pesquisa a partir de minhas inquietações, e, preocupei-me em levar os resultados das pesquisas para a extensão, no entanto, não tive a mesma preocupação em termos de sistematizar e publicar tais produções, questão que hoje faria diferente (PE4).

Apesar da concordância de que os três eixos norteadores não estejam indissociados, na prática nem sempre é assim, visto que de acordo com PE1, “a experiência que nós temos na Universidade é que sempre foi muito separado”. Moita e Andrade (2009, p. 277) concordam ao afirmar que, “por mais proclamado que seja, o princípio da indissociabilidade entre pesquisa, extensão e ensino termina por ser esquecido na prática universitária”.

E como devemos interpretar a importância da palavra indissociabilidade? Perante este termo, os supracitados autores (2009, p. 269) abordam de modo sintetizado o prestígio do mesmo na universidade, reiterando que “a indissociabilidade é um princípio orientador da qualidade da produção universitária, porque afirma como necessária a tridimensionalidade do

fazer universitário autônomo, competente e ético”. Logo, estes autores explicitam que a indissociabilidade entre estas três dimensões impulsiona os professores universitários para a articulação de saberes. Tal concepção vai ao encontro do seguinte depoimento:

Não tem como um professor não atuar nas três dimensões principais, que são o ensino, a pesquisa e a extensão. A pesquisa e a extensão qualificam o ensino e, este se torna pesquisa enquanto reflexão da própria prática. Assim, os problemas de pesquisa surgem do ensino e da extensão. Eu não entendo como que muitos professores se dizem pesquisadores, se nunca saem de dentro de quatro paredes, não têm a vivência da realidade, não têm a prática (PE4).

Com relação à crítica realizada, outro depoente reforça sua visão de uma Universidade, na qual a pesquisa é privilégio de poucos, entendendo que a pesquisa básica não tem a mesma relevância de uma pesquisa aplicada, em suas palavras:

Eu me considero uma pessoa que sistematicamente realiza investigações, mas em virtude do conceito trabalhado, em especial aqui na Universidade, ou em todas as Universidades que elitizou a questão da pesquisa, eu acabei criando um “ranço” com relação a isso. Inclusive optei por não fazer o Doutorado, porque eu sempre falei que não iria perder quatro anos da minha vida para discutir o sexo dos anjos. E me parece que as coisas estão muito distantes da transformação da realidade (PE2).

Apesar de entendermos alguns dos motivos para esta crítica ferrenha, e, considerando que o entrevistado refere-se à importância da pesquisa aplicada como forma de reconduzir e melhorar a prática pedagógica, não podemos desconsiderar as contribuições advindas da pesquisa básica. Para que não haja equívoco, nem julgamentos carregados de pré-conceitos, é preciso compreender que a pesquisa aplicada produz resultado visível, para além do próprio conhecimento, ou seja, um resultado prático, enquanto a pesquisa básica é entendida como aquela que acumula conhecimentos e informações que podem gerar resultados acadêmicos ou “aplicados importantes, mas sem fazê-los diretamente” (SCHWARTZMAN, 1979).

Entendemos, contudo, e aqui pode estar o ponto principal da crítica feita anteriormente, que é mais laborioso estabelecer relações com o aspecto teórico, quando não se tem a vivência prática, o contato com a realidade. Luckesi et al. (1997, p. 39), ao problematizarem o papel da universidade, mencionam que

não queremos uma universidade desvinculada, alheia à realidade, onde está plantada, simplesmente como uma parasita ou um quisto. Ser alheia, desvinculada ou descomprometida com a realidade é sinônimo de fazer coisas, executar o ensino, onde o conteúdo como a forma não dizem respeito a um espaço geográfico e a um momento histórico concretos.

Destacamos assim, que a extensão e o ensino são desdobramentos da pesquisa, referindo-se a uma continuidade e atingindo o desígnio do ensino superior que é a produção científica do conhecimento e a intervenção para a modificação do contexto estudado.

Por outro lado, é preciso considerar a dificuldade de um mesmo profissional exercer concomitantemente a docência, pesquisa, a extensão. Diante das inúmeras exigências inerentes a cada uma dessas tarefas, pode-se supor que algumas sejam mais realçadas que outras, de acordo com as condições e preferências de cada profissional. A articulação entre ensino, pesquisa e extensão pode ser pensada, assim, não do ponto de vista da atuação individual, mas das ações de grupos e de colegiados que, em suas ações conjuntas, constroem um curso, uma faculdade e até uma universidade sobre os pilares da indissociabilidade.

Considerações finais

Percebemos através deste estudo, a questão primeira, referente ao ensino e à pesquisa como processos imbricados, na constituição dos fazeres e dos saberes docentes do grupo entrevistado. Através de suas inferências é possível pensar na pesquisa como algo intrínseco à prática pedagógica, e a docência como um espaço de construção e (re)construção de conhecimentos através da ação investigativa.

Destacamos ainda a importância do professor das IES, assumir-se como pesquisador, no sentido de despertar este mesmo espírito científico e investigativo nestes sujeitos, que logo mais, também estarão atuando na docência. No entanto, apesar de todos os depoentes estarem ligados a projetos de pesquisa, e considerarem-se docentes e pesquisadores na mesma proporção, o grupo apresenta dificuldade em introduzir os alunos do Curso de Pedagogia em Projetos de Iniciação Científica, por motivos claramente apresentados e que já estão em pauta nas discussões que preveem a reforma curricular.

Diante dos desafios, fica uma questão: como efetivar uma proposta de inserção à pesquisa, a fim de que a investigação se faça presente nos cursos de formação de professores, não apenas como pesquisa educacional voltada à reflexão da própria prática, vivenciada através dos estágios, mas com vistas a desenvolver pesquisa aplicada e na pesquisa básica?

Temos que considerar o valor da produção do conhecimento na universidade, para a emancipação e desenvolvimento da cidadania dos sujeitos, bem como sua proeminência em relação à formação dos mesmos, em especial, nos Cursos de Licenciatura, por sua responsabilidade na formação dos professores que, por vezes, ingressarão na docência e terão

que enfrentar diversidades, para, perante isto, construir uma prática docente contextualizada, conforme a realidade encontrada. Isto é, uma universidade que objetive a constante capacidade crítica e analítica e que se estruture na produção do conhecimento através da problematização dos saberes históricos e científicos, dos efeitos provocados na construção da sociedade e das novas demandas e desafios pelos quais somos incessantemente permeados.

Uma segunda questão a ser considerada diz respeito a como o ensino, a pesquisa e a extensão têm se desenvolvido na Instituição, entendendo que o efetivo exercício deste tripé é requerido como princípio básico e norteador do trabalho desenvolvido pela universidade. Por isso, a formação superior seria a síntese de três grandes processos: o ensino, que pressupõe a transmissão e apropriação do saber historicamente sistematizado, a pesquisa, como construção do saber, através da objetivação dos conhecimentos e a extensão, que pressupõe a intervenção na realidade e, deste modo, a sustentação do ensino e da pesquisa.

Constatamos que a instituição possui forte compromisso com a efetivação das três dimensões, de modo que elas possam se articular em prol da formação de sujeitos atuantes, politizados, críticos, criativos e humanizados, sem desconsiderar a cultura e a historicidade.

A extensão aparece como uma forma de “baixar os muros da universidade” a fim de democratizar seu acesso para receber a comunidade e não apenas uma parcela elitizada dela, e é isso que dá sentido ao Ensino Superior, que deve estar preocupado em investigar e inferir sobre os problemas reais da sociedade, não se limitando apenas em produzir conhecimentos em prol de seus próprios interesses, mas comprometendo-se com o desenvolvimento de uma realidade mais ampla.

Outro destaque que fazemos está na concepção demonstrada por alguns dos sujeitos interpelados, que analisam estas três dimensões de forma circundada, na medida em que se entrecruzam e se subsidiam para alcançar os objetivos que norteiam a universidade. Destacamos, assim que, muitos problemas de pesquisa surgem de projetos de extensão, e ao configurarem-se como processos de investigação, seus resultados são levados pelo exercício da docência a contribuírem na formação de futuros professores, que por sua vez também trazem questões que podem dialogar com as outras dimensões e assim por diante.

A fim de concluir as análises deste estudo e já pensando em futuros objetos de pesquisa, levantamos algumas questões suscitadas pelos dados produzidos: como sensibilizar os professores, em sua formação inicial, para que no exercício da docência, a pesquisa seja introduzida como processo de reflexão, análise e produção de conhecimentos, desde a Educação Básica? Como articular melhor as relações estabelecidas entre professores extensionistas e professores pesquisadores, desmistificando a ideia incutida nos próprios

docentes, de que o primeiro assume a função assistencialista enquanto o segundo é visto como privilégio dos “iluminados”? E, neste mesmo sentido, como incentivar os professores universitários que, no exercício da extensão, produzem dados riquíssimos a serem transformados em objetos reais de pesquisa, a avançarem na sistematização e teorização dos mesmos, a fim transformá-los em produção científica?

Referências

ALBUQUERQUE, Manuela Alves Cavalcanti et al. Bioquímica como Sinônimo de Ensino, Pesquisa e Extensão: um Relato de Experiência. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, p. 137-142, jan./mar. 2012.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento / Gaston Bachelard; tradução Estela dos Santos Abreu. – Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BAZZO, Vera Lúcia. **Dilemas da profissionalidade docente na Educação Superior**: entre o cientista e o mestre, p.57-72, 2007.

CAMPOS, Anna Maria de Souza Monteiro; COSTA, Isabel de Sá Affonso da. Espaços e caminhos para a pesquisa em administração: estimulando a prática da reflexividade. **Revista de Administração Pública - RAP**, v. 41, p. 37-48, 2007.

CHARLOT, Bernard. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. **Revista Brasileira de Educação** - v. 11, n. 31 jan./abril, p.7-18, 2006.

DEMO, Pedro. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento** / Pedro Demo. - 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FÁVERO, Altair Alberto; TAUCHEN, Gionara. Docência na educação superior: tensões e possibilidades de gestão da profissionalização. **Acta Scientiarum. Education**, v. 35, n. 2, julho-diciembre, Universidade Estadual de Maringá. Paraná, Brasil, p. 235-242, 2013.

FORMOSINHO, João. Dilemas e tensões da atuação da universidade frente à formação de profissionais de desenvolvimento humano. In: PIMENTA, Selma Garrido; ALMEIDA, Maria Isabel de. (Orgs.). **Pedagogia Universitária**: caminhos para a formação de professores. – São Paulo: Cortez, p.128-155, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. Conteúdos, formação de competências cognitivas e ensino com pesquisa: unindo ensino e modos de investigação. In: PIMENTA, Selma Garrido; ALMEIDA, Maria Isabel de. (Orgs.). **Pedagogia Universitária**: caminhos para a formação de professores. – São Paulo: Cortez, p.188-212, 2011.

LUCKESI, Cipriano Carlos. et.al. **Fazer Universidade**: Uma proposta metodológica. - 9. ed. - São Paulo: Cortez, 1997.

MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro; ANDRADE, Fernando César Bezerra de. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. **Revista Brasileira de Educação**. v. 14, n. 41, p. 269-393, maio/ago. 2009.

SANTIAGO, Anna Rosa Fontella. Leitura crítica e pesquisa educacional: dimensões da formação docente. In: MELLO, Reynaldo Irapuã Camargo. **Pesquisa e formação de Professores**. Cruz Alta: Centro Gráfico UNICRUZ, 2002.

SCHWARTZMAN, Simon. **Pesquisa acadêmica, pesquisa básica e pesquisa aplicada em duas comunidades científicas**. Disponível em: http://www.schwartzman.org.br/simon/acad_ap.htm. Acesso em: 22 nov. 2014.

STAKE, Robert E. **Pesquisa qualitativa**: estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Penso, 2011.

TURA, Maria de Lourdes Rangel. A observação do cotidiano escolar. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira (Orgs.). **Itinerários da pesquisa**: perspectivas qualitativas em sociologia da educação. – 2.ed. – Rio de Janeiro: Lamparina, p.183-206, 2011.